

DA REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO

Vanda Cardozo de Menezes (UFF)
vcenezes@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Neste trabalho trataremos de estudos sobre referência: da visão objetivista à discursiva, com a proposta da “referenciação”.

Na abordagem discursiva, a referência deixa de indicar uma relação entre língua e “coisas” (objetos do mundo real) e passa a indicar dada construção coletiva de um modo de dizer. A realidade construída não corresponde à realidade objetiva, mas a uma realidade discursiva, que reúne os referentes na condição de objetos de discurso e não de objetos do mundo.

Sob essa perspectiva discursiva, temos a proposta da referenciação, que, com esse nome, quer enfatizar a atividade, o caráter dinâmico do processo de construção de referentes.

DA REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO

A trajetória das discussões sobre a relação entre linguagem e realidade é recorrentemente apresentada nos estudos mais recentes sobre referência e referenciação. Essa retomada se faz necessária em vista de uma nova abordagem da questão: as atuais reflexões sobre referência não mais focalizam uma relação estável entre uma língua histórica socialmente estabelecida e uma realidade objetivamente concebida (concepção *objetivista*), nem uma instabilidade devida ao conhecimento intuitivo, à imaginação, aos sentimentos humanos (concepção *subjetivista*), mas remetem a uma atividade discursiva de construção de *realidades* socialmente compartilhadas⁹.

Neste artigo, chamo a atenção para esse último entendimento, que emerge da concepção discursiva de referência: compreender a

⁹ As abordagens atuais preferem o termo *referenciação* ao termo *referência*, para indicar que se leva em conta não somente um sujeito do ponto de vista físico, mas ainda um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo.

ANÁLISE DO DISCURSO II

intersubjetividade na referenciação é crucial para se pensar em estabilização e desestabilização da referência, em dessemantização, em polissemia, em lexicalização, em construção coletiva de protótipos e de estereótipos, e em metafóricidade; todos eles, processos desencaixados pelos falantes em situações diversas de interação.

Pode-se dizer que a trajetória do pensamento sobre referência é acompanhada pelo dilema das dicotomias, o que de alguma forma também ocorre com as trajetórias de concepção de outros fenômenos de linguagem. No caso dos estudos sobre referência, depara-se com

a) uma noção objetivista de referência, que enfatiza a relação língua e realidade concreta, *versus* uma noção subjetivista, que focaliza a relação linguagem e pensamento;

b) uma concepção de estabilidade referencial, que corresponderia ao estado das coisas no mundo, *versus* uma concepção de desestabilidade generalizada, que impediria qualquer possibilidade de apreensão.

Ao objetivismo irradiado da filosofia clássica, se apresenta, na primeira dicotomia, a opção pelo subjetivismo radical. Se o primeiro idealiza a língua como *portadora* das *verdades* do mundo; o segundo supervaloriza as intuições e os valores particulares. O objetivismo *descorporifica* a língua, ao traçar uma relação direta entre linguagem e coisas, desconsiderando os falantes; o subjetivismo *descontextualiza* a língua, ao pressupor um sujeito isolado.

Reflexões sobre a inconveniência da polarização objetivismo *versus* subjetivismo não são uma novidade.

E. Coseriu (1981, p. 103) aponta a necessidade de se começar a estabelecer que as estruturas linguísticas “não são *estruturas da realidade, mas estruturas ‘impostas à realidade’, pela interpretação humana*”. Ao refutar a ideia de que as nomeações de base científica sejam interpretações da realidade, Coseriu novamente ressalta o papel dos indivíduos no relacionamento entre linguagem e mundo: “*a linguagem ‘classifica’ a realidade, mas o faz segundo interesses e atitudes humanas*”.

Nos últimos anos, essas reflexões vêm sendo *atualizadas* em trabalhos que adotam abordagens discursivas e/ou cognitivas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Marcuschi (2004) faz uso das expressões *perspectiva sócio-cognitiva* e *cognição distribuída*¹⁰ ao discutir a questão, e assim resume o deslocamento do foco: “*se até há pouco tempo a cognição era um aspecto individual que ocorria na cabeça das pessoas, agora se torna um aspecto observável na relação intersubjetiva e no trabalho comum*” (p. 280).

Lakoff & Johnson (2002, p. 304, [1980]), ao apresentarem uma terceira opção ao entendimento da metáfora, *uma síntese experiencialista*, como a denominam, desprezam as radicais opções pelo objetivismo ou pelo subjetivismo e concluem que “*tanto o mito do objetivismo como o do subjetivismo ignoram o modo como compreendemos o mundo por meio de nossa ‘interação’ com ele*”.

Salomão (2005, p. 153) refere-se a um *trabalho ecológico do sujeito cognitivo*, caracterizando esse trabalho como “*ecológico*” *por orientar sua ação numa específica moldura (física, mental, social) e por movimentar contínuas semioses para a construção do sentido como entendimento localmente validado*.

Na segunda dicotomia tem-se instabilidade *versus* estabilidade. O dilema não é infundado, pois há evidências de um e outro fenômeno. Afirmam Paiva & Duarte (2003, p. 13):

A atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade.

Reconhecemos ser bastante complicado considerar a tensão instabilidade/estabilidade, em particular quando se trata de categorias lexicais, já que em razão da natureza da atividade de nomeação, a estabilidade parece ser evidente, ao aproximar nomes e realidade. Essa aproximação, a nosso ver, não tem que ser totalmente negada, ao se afirmar que cada expressão nominal representa uma dada categorização e não uma rotulação objetiva, real e verdadeira. Trata-se antes de

¹⁰ Em nota, Marcuschi (2004, p. 284) remete a trabalho anterior (Marcuschi, 2000), em que discute o conceito de *cognição distribuída* e apresenta diversas posições a respeito da questão. “O conceito é complexo”, afirma o autor, “controverso em alguns casos, mas tem grande utilidade para se pensar em especial atividades conjuntas e permite tomar a noção de ‘atividade’ como unidade de análise”.

ANÁLISE DO DISCURSO II

compreender que a relação entre linguagem e mundo é uma relação construída pelos falantes, e como tal, pode ser modificada ou reconstruída.

As categorias linguísticas não parecem ser, pois, nem evidentes, nem pré-estabelecidas; elas são, em palavras de Mondada e Dubois (2003, p. 28), mais “o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos”. A referência deve ser considerada a partir da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização.

A questão se prende, em resumo, à necessidade de se abandonar a visão dicotômica e estabilizante e de se começar a pensar os fenômenos em termos de *relatividade* e de *concomitância*. Se, com isso, estivermos nos distanciando de uma descrição linguística mais “científica” (no sentido da máxima objetividade); estaremos, em compensação, nos aproximando de uma descrição mais adequada do uso da língua.

PARA UMA REVISÃO DOS ESTUDOS LEXICAIS

Nosso primeiro estudo sob a ótica da referenciação focalizou as expressões lexicais multivocabulares, ou seja, aquelas combinações de base lexical, constituída por no mínimo duas palavras, consideradas como de *escolha em bloco* e usadas com frequência *relativamente* alta pelos falantes nativos (Erman & Warren, 2001). A seguir um exemplo, extraído de um *corpus* que construímos, com 250 expressões multivocabulares, usadas como títulos para *mini* textos, que caracterizam o gênero *informe jornalístico*, tal como se apresentam na sessão *Informe JB* do *Jornal do Brasil* e na seção *Painel* da *Folha de São Paulo*.

(1). Preto no branco

Sai esta semana o resultado de perícia da PF nos documentos supostamente assinados pro Cláudio Mourão, ex-tesoureiro de Azeredo. A autenticidade é questionada pelo senador. (FS,11/dez/05)

Observamos, no estudo, que o uso de expressões lexicais multivocabulares, que funcionam como combinações previsíveis, é muito mais frequente do que se costumar supor e se caracteriza como

uma dentre as várias estratégias discursivas de que se vale o falante ou escritor para *dizer* aquilo que pretende. A concepção de metáfora desenvolvida nos estudos de Lakoff & Johnson (2002) vem ao encontro do que se tem buscado demonstrar em relação às expressões lexicais previsíveis: assim como as chamadas "metáforas mortas" estão bem "vivas" em nossa vida cotidiana; as expressões previsíveis são muito eficientes na atividade linguística; e as que apresentam estrutura metafórica são ainda mais eficientes para demonstrar um modo "comum" de pensar a realidade e de estruturar os conceitos.

Note-se que o título do informe condensa certo tipo de conteúdo compartilhado. Poderíamos dizer que o título do informe apresenta uma informação mais estável e, com isso, referencialmente "dada", enquanto o texto trará uma informação "nova", que confirmará o dado ou se firmará a partir dele. As expressões lexicais previsíveis nos títulos dos informes jornalísticos, além de condensarem a informação, garantem maior acessibilidade, pois representam um modo de *dizer* coletivo.

Após esse trabalho com as expressões multivocabulares, voltamos para o estudo da progressão textual. A ideia de que a anáfora é um mecanismo de mera retomada e substituição de um item linguístico está ultrapassada. A função da anáfora não é a de evitar a repetição. A anáfora é vista como estratégia de progressão referencial. Note-se que não é um item na superfície do texto que retoma outro item, mas é o falante que seleciona um item para manter um objeto de discurso ou reativar um objeto de discurso anteriormente ativado, modificando-o, construindo e reconstruindo o seu discurso, ajustando e reajustando o seu dizer. A concepção de anáfora foi ampliada, entendendo-se que há também um tipo de anáfora, chamada indireta, quando o falante usa uma expressão que ativa um referente ainda não expresso, mas ancorado a outro referente já expresso no texto, que lhe serve de âncora. O exemplo abaixo foi extraído de um *corpus* construído por crônicas contemporâneas¹¹. Observe que o referente ativado pelo nome "dinheiro" faz remissão ao referente ativado pelo nome herança, que atua como âncora.

¹¹ O *corpus*, constituído por crônicas contemporâneas, está sendo analisado por Elaine Barbosa Rodrigues (PIBIC/UFF), participante do projeto de pesquisa em desenvolvimento "Léxico sob a ótica da referencialização: nomeação, nominalização e anáfora", sob minha orientação.

ANÁLISE DO DISCURSO II

(2) Tinha recebido pequena herança de uma tia. Queria aplicar o **dinheiro** numa atividade que lhe desse algum lucro, porém, mais que lucro, satisfação intelectual. (Lourenço Diaféria, *Conversa de grego*)

Mas não apenas o estudo da anáfora vem sendo revisitado pela referenciação. Na língua oral, a repetição e a correção são estudadas como mecanismos de construção de referentes, de recategorização e de progressão referencial¹².

PARA UMA REVISÃO DAS CATEGORIAS GRAMATICAIS

O estudo do aposto feito por Masson (2008) é um exemplo das muitas possibilidades de revisão da gramática sob a ótica da referenciação. Nesse estudo, a autora nos mostra diversas funções discursivas dessa categoria geralmente vista apenas do ponto de vista sintático, como um termo da oração. Um termo acessório, assim se costuma dizer. O aposto, estudado sob a ótica da referenciação, não se restringe aos limites da oração.

Outro estudo de natureza gramatical vem sendo feito. Estamos estudando as construções com verbo *ter*, com base em pressupostos da gramática funcional e da referenciação. Observamos que, por meio dessas construções, os falantes podem atribuir a um nome um modificador com valor de finalidade.

Observe-se que em (3) se atribui ao termo nominal, *uma mesinha de centro baixinha*, uma propriedade que consiste em uma especificação com valor de *finalidade* expresso pela proposição *pra colocar cinzeiros... essas coisas*.

(3)... *tinha* o piano... um piano... me lembro muito bem que tinha um abajur de pé... sabe abajur de pé? E uma mesa... *uma mesinha de centro baixinha pra colocar cinzeiros...* essas coisas... a sala era muito pequena não dava pra muita coisa não... (NURC70M1, 046)

Outra característica dos contextos construídos com *ter* diz respeito à redução de valência do predicado constituído na comple-

¹² Estudo da anáfora e de outros mecanismos de referenciação em textos orais está sendo feito pela aluna Rachel Maria Campos Menezes de Moraes (UFF), também participante do projeto de pesquisa citado.

mentação nominal (Menezes, 2001; 2004). Em (4), note-se que não é expresso o complemento para o nome *responsabilidade*.

(4) ...basta ter mais responsabilidade e menos cobiça para as coisas se acertarem. (JB/AX, 27/05/1998)

Observe-se, agora, o processo de redução de valência do infinitivo, que também reflete os contextos das construções com verbo *ter* na *matriz*. No exemplo (5), a seguir, o verbo *receber*, sem objeto direto, assume no contexto o valor de "receber visita", mais especificamente, "receber visita com elegância, cordialidade e educação" (cf. a expressão: *Ela não sabe receber*).

(5)... eu sou de família... de família fundadora da cidade do Rio de Janeiro... então... eh... minha avó... pra você ver... minha avó tinha... a-bria... havia aquela... aquele pessoal que *tinha um status... pra receber... não é?*... (NURC70)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retomada dos estudos sobre referência numa abordagem discursiva aproxima os estudos de texto aos estudos de gramática que contemplem o uso da língua. Os movimentos de estabilização e desestabilização referencial deixam de ser um problema e passam a ser considerados mais positivamente como fenômenos inerentes ao processo de referenciação e de gramaticalização; os meios linguísticos de que os falantes se valem para falar do mundo passam a ser considerados como estratégias fundadas cognitivamente e discursivamente. Abre-se um leque de estudos a serem revisitados. Dentre esses estudos, amplia-se a concepção de anáfora e de progressão textual. Também os estudos gramaticais poderão ser revisados sob a ótica da referenciação, vide o caso da categoria sintática "aposto", que sob a ótica da referenciação, pode ser observado em sua função de recategorização de objetos de discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1981.

ANÁLISE DO DISCURSO II

DIAFÉRIA, Lourenço. Conversa de grego. **In:** PINTO, Manuel da Costa (org.). *Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Salamandra, 2005, p. 52-56.

ERMAN, Britt; WARREN, Beatrice. The idiom principle and the open choice principle. *Text*, 20: 29-62, 2000.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. [1980] *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ., 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? **In:** Negri, L.; Foltran M. J.; Oliveira, R. P. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-282.

MENEZES, Vanda Cardozo de. *Construções infinitivas iniciadas por para: oracionalidade e redução*. 155 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

———. Contextos de encaixamento: verbo ter na matriz. *Veredas – Revista de estudos Linguísticos*. Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 8, n.1, jan./dez. 2004, Juiz de Fora: UFJF, p. 137-152.

MASSON, Solange Passos. *A categoria sintática **aposto** sob a ótica da Referenciação: “um termo acessório?”*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. **In:** CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística, Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A mudança lingüística em curso. **In:** Paiva, M. da C.; Duarte, M. E. (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 13-29.

SALOMÃO, Maria Margarida. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. **In:** Koch, I. V., Morato, E. M.; Bentes, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.